

textos
Cristian Cobra

ilustrações
Washington Pastore



W. Pastore

Tempestade me lembra você

Cristian dos Santos

tempestade me lembra você

ilustrações Washington Pastore

realização
Instituto Cultural Janela Aberta
Edições Universo Separado

Poemas

Cristian Cobra

Ilustrações

Washington Pastore Amaro

Diagramação

Cristian Cobra

Revisão de texto e imagem

Jemima Murad

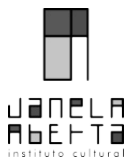
Impressão e encadernação

Edições Universo Separado

Apoio

Instituto Cultural Janela Aberta

Editora Janela Aberta



Santos, Cristian.

Tempestade me lembra você / Cristian "Cobra" dos Santos . -- São Carlos : ICJA, 2013.

100 p.

ISBN:

1. Literatura. 2. Poesia. 3. São Carlos I. Autor. II. Título.

este livro é dedicado a todos os amores impossíveis,
especialmente aqueles que jamais se realizarão.

também dedicado ao grande amigo Angelo Martins,
desaparecido desde 2011

índice de textos

Prefácio	12
ANTES DE DO FIM	
Chá mate	17
Todo amor dessa vida ou sorvete de chocolate	18
Empedaçado	21
Embora pareça desdém	22
Beijo de formiga	23
Eu sempre te encontrarei, ainda que não	24
E o barulho era música	25
Inabilidades	26
O FIM	
Gelo seco...	30
Numa noite surda abracei a solidão...	34
A correspondência do mês...	39
Leveza tensionada	42
Maiakovski	43
Os ceifadores da morte	45
Corvos	47
Excamas ao mar	48
O poeta, a consciência e a porta	50

DEPOIS DO FIM

Ande em silêncio, naquela direção...	56
Um pouco de sinceridade sempre faz mal...	58
Não deixo um pingo de chuva passar...	60
O jogo irresolvível...	64
Em soturna companhia	66
Links	70
A velha garrafa de uísque	72
Desespero...	74
O limite...	76
Esconderijo	79

A PASSAGEM

A ida...	82
E se um dia ou uma noite um demônio...	84
Um final feliz até...	86
Bolinhos de chuva	88
Prenúncios	90

Sobre este livro-projeto	94
Sobre os desenhos	95
Nota de Washington Pastore	96
Sobre os direitos autorais	97

índice de imagens

Papiro	11
Xícara de chá	16
Borboleta	19
Carpas	27
Xícara e bule	29
A menina e o elefante	31
Memória no céu	35
Cardume	37
Despedida	38
Peixe	53
Peixe no uísque	54
Peixe vermelho	63
Garrafa vazia	69
Garrafa cheia	73
Ela	75
Cadeado	78
Peixe vermelho (grande)	80
Garrafas	85
Bolinho de chuva	89

tempestade
me lembra você

prefácio

antes de tudo

antes do começo do fim já existia o fim.
um beijo na chuva e uma alegria equivocada.
quando tudo começava, começava também o fim.



Prefácio

Afinal, o que são as histórias de amor?

Um dos temas mais abordados de todos. Livros, filmes, músicas, danças e... tragédias. É claro que as perguntas trazem respostas, assim como as respostas trazem perguntas. O que é o saber, senão uma cortina de poeira com bijouterias?

Dizemos a palavra amor todos os dias e a cada momento ela possui um significado diverso. Palavra que não fica gasta. Delírio.

Afinal, o que são essas memórias, antigas, tardias, amarelo-cinza? Um chá quente para uma noite de tempestade.

Ainda lembro de você...

Mas afinal, o que é a memória? Vaga verdade, meia mentira, miopía cerebral. Quando uma história de amor acaba, o que resta? O que irrompe, o que muda, o que inverte, o que monstreia, o que se esvai quando se rasga uma foto? É a matéria papel ou é a energia remanescente? O quê sobra? E o quê a gente faz com isso que sobra?

Não sei como falar do amor sem cair em algum clichê. Todo passo é um passo errado. Falar de forma sincera, deixar fluir, isso tudo é ainda mais clichê. Não posso julgar o que fiz ou deixei de fazer, era um outro homem. Assim como não posso falar sobre você. Você não existe mais. Existe algo, em um lugar específico do mundo, mas essas coisas são

distintas. Não sabia o quê se passava em sua cabeça naquele tempo, e sei ainda menos o que se passa hoje.

Como será que você se lembra de mim?

Lembrar todo mundo lembra, com saudade, com carinho, com ódio ou com desprezo. Tudo depende e depende de tudo. Esses relatos são folhas de um diário enferrujado. Ninguém jamais entenderá tudo que se passou nestas páginas alaranjeadas, carcomilhadas... Não há verdades aqui. Somente lembranças. Poemas escritos em papéis de rascunho, guardanapos de papel, um recado, uma carta enviada que não devia ter sido enviada, chaveiros, alianças de doce, um desenho, um bilhete de amor, algumas fotos... e uma imensa série de gestos secretos. Mágicos. Simbólicos.

Uma história de amor é também é uma história de ódio?

As lembranças apenas mentem! As lembranças se reescrevem a todo momento. Eis o diabo de fixá-las na escrita. Fixa-se algo que era sem deixar de ser e, ainda assim, sendo outra coisa. Por quê acreditamos que naquela foto aquele menino mirrado e ingênuo é o mesmo ser que hoje a vê com saudades?

Uma vez, quando criança, fiz um buraco bem fundo no terreno baldio vizinho. Enterrei aquela comum ideia de botar numa caixa resistente fotos, brinquedos, bilhetes, lembranças de experiências que eu jamais deveria esquecer. Anos mais tarde me mudei da casa. Jamais reavi a caixa. Naquele terreno foi construída uma casa. O tempo, essa dinâmica das coisas, pôs pedras sobre meu passado. Jamais podemos recuperar o passado.

Eu não saberia explicar melhor essas páginas para alguém que lê. E nem é possível entender com tantos

buracos, com tantas dificuldades semiológicas de expressar uma sensação em palavras: como a sensação de uma lâmina fria, a sensação da transposição de uma fronteira, a sensação de alguma coisa que chamamos num momento de amor mas que não sabemos nem como adjetivar: bom, bizarro, raro, especial, inexplicável.

Vamos imaginar então que alguém que mora naquela casa, por algum destino cinematográfico, empreendeu uma reforma no piso de sua cozinha e encontrou aquela velha caixa. A caixa num momento lhe chama a atenção. Uma antiga e bela caixa de chá ou chocolates. Seria pintada a mão? Essas coisas antigas eram fantásticas. Um cadeado toscamente improvisado. Poderia ser quebrado facilmente, mas não faça isso. Tome, aqui está a chave.

Deixo-lhe a vontade para ultrapassar esse envólucro enferrujado. Leia e veja essas pequenas partículas de memória e entenda como quiser. Monte sua história, sua interpretação, suas relações extra-textuais, infira seus argumentos... mas lembre-se, tudo isso afinal, só reflete e refrata, a imagem própria daquele que lê. Distorcida?

Todo meu amor, está aqui, nestes papéis. Um dia ela me disse que tinha enterrado seu coração no deserto. Sei que ela viajou até o deserto, mas não sei se cavou o chão, se cobriu algo com terra ou se foi apenas uma determinação interior. Mas descobri que ela disse a verdade. Tenho certeza que um dia voltou lá, na calada da noite, e retomou esse órgão tão vital a saúde do corpo. Mas eu não vi. Acho que passei tempo demais cavando no lugar errado. Não achei seu coração, não vi se você o resgatou, se o bicho comeu, se a lhama bebeu... mas o vento soprou e trouxe nuvens de chuva. Quando a chuva vem de verdade, a gente esquece tudo e só quer saber de se proteger.

Hoje também me despeço. Dois anos depois? Três? Não sei bem. Tudo está aqui, nestes papéis (tudo que cabia). Esquece, não vou enterrar essa caixa de chá, esses papéis amarelados e dobrados. Melhor jogar ao vento. Ao vento sob essas nuvens negras... jogarei ao vento, na página, no outro, na tela, na rede.

Rápido, que é tarde. A tempestade já vem.

primeira parte

antes do fim



Chá mate

Frio mas com Sol
chá mate
você sorri

xeque-mate

a vida
tem dias
é assim

que eu gosto de deitar no tapete
e ficar só escutando o nada

aqueles dias raros

nos quais de repente
eu digo
que amo
você

Todo amor dessa vida ou sorvete de chocolate

Olhei sem grandes alegrias para as infiltrações no teto. O muro também é baixo, falta segurança. O quintal é médio, mas já é algo. Provavelmente ficaremos com esta casa. Não é algo com que eu sonhava, mas... pra mim qualquer coisa. Sempre me bastou qualquer coisa acompanhada com liberdade.

Ela desliza entre os espaços, feito um fantasma de leite condensado. Parece que não liga pra nada, parece que o mundo pode acabar, ela só quer estar grudada no meu pescoço quando vier o tsunami fatal ou explosão nuclear ou cavaleiros do apocalipse. No fim, o que eu quiser ela concorda. Por isso preciso decidir direito, por mim e por ela, senão, você quem sabe...

As vezes irrita, só as vezes.

A vida a cem por hora, as contas puxando a barra da calça, o tempo passando rápido e ela só quer matar sua saudade de mim, sempre. Me liga só pra dizer que ama. Agora, no meio da minha reunião? Pelo amor de deus, para com isso. Ela não fica triste, prepara outro agrado.

As vezes irrita, sabe.

Você não gosta de mim? Claro que gosto. Então porque não fala? Porque eu "gosto de você", não gosto de "ficar falando que gosto de você". Devia falar. Ah, não enche, antes de ficar falando eu vou plantar um monte de temperos que você gosta, bem aqui, o que acha? Ela sorri.



Sempre achei que ela tinha um quê de garota fina, nobre. Não queria poder dar tão pouco. Mas eu tenho tão pouco nos bolsos, veja só... Grande, só esse gostar, vontade de cuidar. Vejo ela andando atrás da corretora, como anjo deslizando no vento.

Eu queria ter mais. De última geração ou dourado, algo tão nobre quanto seu jeito leve de não se importar com coisas pequenas. Queria ter um pouco mais pra lhe oferecer além desse tudo que tenho aqui, nos olhos e na pele.

Não precisa, ela diz, me leva pra tomar sorvete que já ta bom.

Empedaçado

Sentia como se a vida me cortasse em quatro partes.

Num X.

Sentia que o Sol ardia todo dia. Tinha fome.

A vida insistia em me lambar

afagos

bons momentos fazem a vida valer a pena

pena, pesada pena da vida

leve chumbo, incomparável, inconcebível, impossível

lâmbida inexplicável,

a vida me corta em quatro partes todo dia

você já teve a sensação

de que o horizonte nunca vai chegar

exatamente como previsto?

Embora pareça desdém

Escuta, xiuuuuuu. Escuta a chuva lá fora. Esse som que eu gosto. Me deixa pra baixo demais, sabia? Quando chove não tenho vontade de nada, só de ler ou estar com você. Mas estar com você em silêncio. Tem dias que é bom, sabe? Ficar quieto, calado, só rumorejando as formigas do pensamento. Perninhas fazendo cosquinha no cérebro da gente. Ou feito a guerra das saúvas sobre e sob as folhas. Enxames mortais e silenciosos

A chuva lá fora é como um chamado à abstração, a aproximação máxima do estado objeto, retirando-se o máximo das subjetividades, apenas o som até novamente voltarmos a nós com algo inusitado nos chamando atenção. É você que de repente quebra o silêncio oferecendo um chá quente de cidreira e anis.

Você se senta. O chá quente esquentando as mãos. Eu amo você, mas não digo. Volto meus olhos para as páginas ulissenses de Joyce e deixo a chuva lhe dizer em carta selada com o beijo do meu silêncio.

Beijo de formiga

Quando ela pedia me beija, fechava os olhos devagarinho e ficava esperando, como quem implora com a doçura de um pão de mel com recheio de doce de leite. Ela sempre tinha aquela falta, aquela necessidade de alguma coisa que ela completava comigo. Para ser feliz, eu só preciso de você, e sorria. E eu pensava: e eu que já tenho você, mas ainda não sou feliz?

Ela pensava, pensava, pensava e ficava linda pensando. Parecia que tava remexendo a terra com pauzinho atrás de formiga gorda, mas era só meu edredon.

Você é muito menina... muito boba. Você não gosta? espantava. Gosto sim =)

Aí não tem formiga não, viu menina! O quê? Nada... queria te dar um beijo na barriga. Beijo de formiga? e ria pouquinho porque tinha medo de não gostar dela, toda hora. É, beijo de formiga, besta! Sabe comê? hum? É assim - dou um beijo e um beliscão na bunda.

Ai ai, bobo rs! Quer mais um? Qué, qué, qué? Ou qué um beijo de macaco? Não! Eu quero beijo de verdade! De verdade acabou, quer de formiga? SEU BOBO!

Já sei. O quê? Você é feliz! Será? Acho que sim, pensa! Eu pensei, pensei, e olhei pra ela: é, acho que sim!

Eu sempre te encontrarei, ainda que não

Era uma dessas tardes azuis, na cama com preguiça, depois de um almoço bom. Ela com as pernas pra cima na parede feito menina. Hei, menina, se um dia você fugir, eu vou até o inferno atrás de você. Ela riu e bagunçou meu cabelo ainda mais.

--Acho que você não iria tão longe assim...

--Iria, afinal, já passei por lá tantas vezes.

--E se eu fosse embora, pra outra cidade, outro país!

--Até outro planeta baby, de disco voador!

--E se eu fugisse e me escondesse no maior esconderijo de todos?

--Eu te achava.

--E se eu fugisse para...

--Eu te encontrava.

--Mesmo em...

--Outro tempo, outra dimensão, outra vida, outro conto, outra...

--Outra...

--Hum, sei lá, qualquer coisa. Seja lá onde você for, eu vou atrás e te trago de volta pra mim.

--E se eu desaparecer por completo, morrer, for abduzida, estiver inalcançável?

--Ai eu invento você e vivo de ficção...

E o barulho era música

Eu disse pra ela que tudo era só uma curtição, uma grande onda. Fragmentos, fractais, nada era eterno e rijo em minha vida. Sabe? Eu não sei como, mas para os outros era natural estudar, depois faculdade, depois arrumar emprego e depois casar. Na minha vida era tudo torto, tudo sinuoso, sabe? E ela só ficava ali, sorrindo um sorriso leve e bonito, olhando pra cima com os olhos fechados, sentindo o vento no cabelo como se o barulho do mundo pra ela fosse música e depois via uma formiga e parecia que nem ligava para os meus problemas, eu ficava até bravo, quando assim. Mas ela ligava, ligava muito para mim e para as coisas que me interessavam,... só não ligava para os problemas, porque achava que eu era muito forte e eles pequenos. Mas isso não era verdade.

Eu sempre fui fraco...

Inabilidades

Tentei dizer algo. Não entendeu. Respondeu-me em inglês. Meu inglês parco, só entendi algumas poucas palavras. Hablas español? No e me disse algo que parecia russo. Mon amour, mon coeur? E nada. Algo, mas provavelmente em alemão. Arrisquei-me no italiano. Niente. Só lhe compreendia as mãos e a face. Era linda, linda, linda e tinha uma mão fria, sempre suando de medo, mas na hora do amor, elas eram quentes: mistérios da vida ou miopia de amor. Kärlek, tolka, begripa! Eu queria dizer-lhe: eu estou tão triste quanto a Igualdade Branca de Karol. Mas não podia. Não podia dizer-lhe vista seu vestido verde, prefiro seu cabelo assim, gosto deste poema; ou pior, eu poderia dizer a expressão tão simples e singular: eu te amo e ela poderia relacionar, seja pela acústica ou por qualquer associação psíquica com uma palavra aleatória como cavalo, frigideira, possessividade, egoísmo. E se eu dissesse eu me preocupo, e ela entendesse eu tenho ciúmes; e se eu dissesse tenho medo de te perder e ela entendesse eu só penso em mim mesmo. Não tinha jeito mesmo. Talvez eu tenha me precipitado, mas o amor assim, é impossível. Nem isso tínhamos em comum, essa acústica doce, misteriosa e cruel que é amor, podia nos significar a mesma coisa, mas jamais teríamos o mesmo jeito de dizê-lo e entendê-lo. Éramos dois surdos tanteando nosso desejo em braile e você quer saber... quer saber uma grande verdade sobre o amor? Os olhos não dizem nada...



segunda parte

o fim

Seu cheiro numa gaveta,
suas marcas numa pele e num lençol,
sua voz embaixo da cama,
um colar sobreamesa.

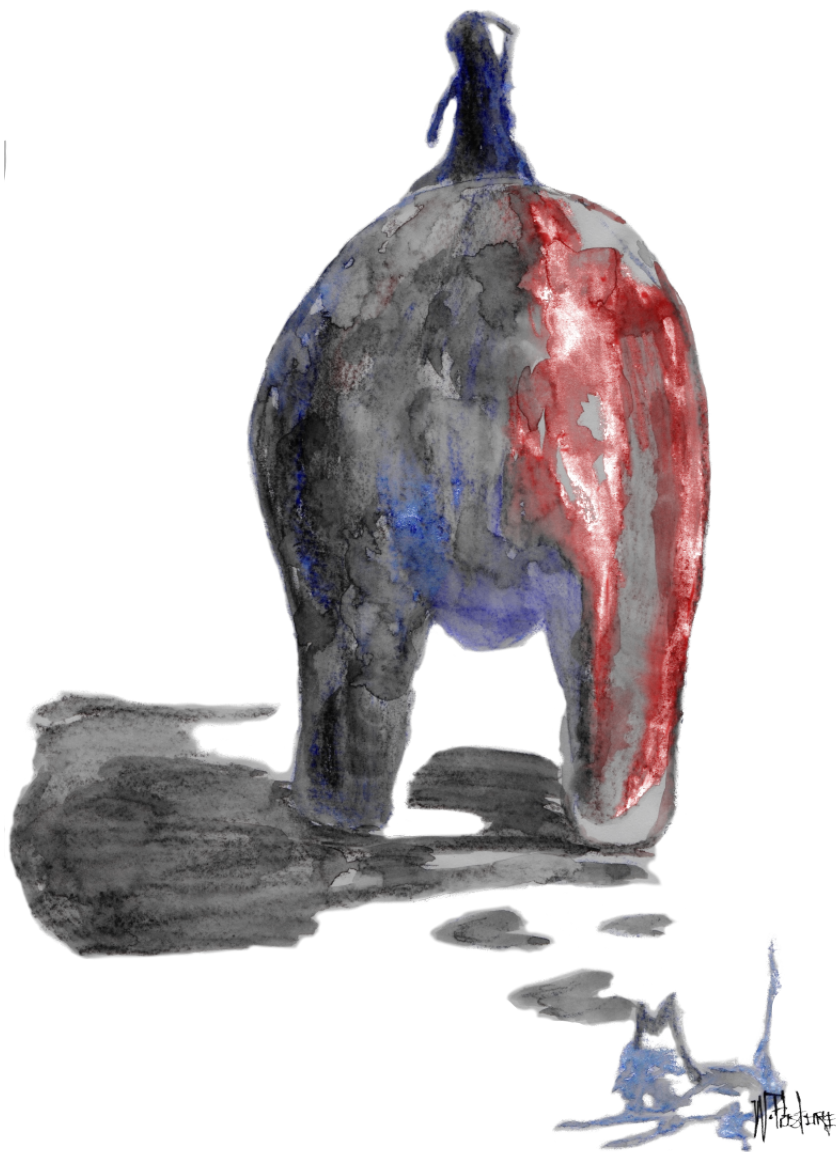


Gelo seco...

O exato momento eu não sei, mas foi um pouco depois que ela disse:

não tem mais volta, dessa vez é de verdade, escuta... acabou...

Essa formulação tão simples e direta teve um efeito térmico de me paralisou e fiquei olhando olhando olhando olhando até não ver nada e, depois ver o que estava atrás do nada. Na tela do computador, não conseguia olhar para ela... onde tocava música havia texto preto num fundo branco e depois daquele branco havia outro fundo branco, atrás de outro fundo branco e depois um fundo cor de pele clara e depois disso várias formiguinhas e seguindo elas estava um buraco comprido com mais de sete metros de comprimento pelo qual era preciso esgueirar-se nas trevas até que cheguei num lugar frio gelo e azul. Era uma sibéria americana, uma era glacial e eu, neander&tal que chegou atrasado, lança em punho e a manada de mamutes vai longe ao horizonte, anunciando mais um inverno de fome. Gelo, gelo por toda parte, gelo, gelo e um silêncio mais gelado ainda e um vento lambendo as lágrimas e cabelos. Me sento sobre o chão de gelo e penso que pior não é o gelo nem o gelado, mas esse



branco todo, esse branco por todos os lados que faz a gente não saber o quê, nem quem, nem porquê. Eu odeio branco. Se a culpa foi a caminhada, o acordar mais tarde, o torcer o tornozelo, a falta de zelo e afagar seus cabelos, se foi deus ou o diabo que contam histórias de algumas culturas que o inferno é gelado e eu digo que tanto faz. Achar a culpa de algo é fingir que a culpa é de algo, de um algo que apreendemos, compreendemos e poderemos evitar na próxima vez. - MENTIRA - a culpa é um emaranhado de lã e de histórias que a gente segue o rastro e nunca encontra o lastro. Não há evolução, aprendizado, amadurecimento. Estamos perdidos. Mas há sempre mamutes indo embora, ônibus passando uma garota que se despede com um beijo. É sempre com um beijo que elas se despedem, mas por favor, não se despeçam nunca com um beijo, afinal, não foi assim que Judas traiu Jesus? Não me leve a mal, mas me deixe, não me beijei os lábios, nem a fronte, nem o rosto. Tua saliva de ácido nítrico branco até pela pele alcança o coração, e de lá, bombardeia-se para o todo.

Mas eu volto, pelo túnel, e os planos brancos, porque você continua falando e eu nem ligo muito, porque tem conversas que não são para serem discutidas mas sim paralelas que nunca se cruzam. Também... é chato, é ruim, é triste, mas também é normal. E nada acaba porque se existisse fim, com certeza eu já teria chegado nele. E assim como o pássaro levanta e pousa noutro lugar, a minha mão viajará perdida e errante até cair e cair sobre outra mão. Outra maçaneta de outra casa na qual eu entrarei e levarei comigo minha gata, sete livros preferidos e dezenas de filmes, porque ler é só pra um. Também comigo levarei as 598 palavras de carinho que você me lembra e as 466 formas de te beijar e o mapa ilegível dos 33 pontos cardeais de teu

corpo que eu descobria diariamente. E jogarei tudo isso em cinzas, sobre o gelo branco, que irá virar mar e secar e um dia, germinar uma palavra que não vale a pena, e costumam chamar de amor.

Foi quando você se levantou e saiu, e foi embora levando embora as pilastras sobre a qual construíamos uma coisa estranha, chamada futuro. Foi o fim. Trágico, ruim e sem sal, como tem que ser. Difícil de engolir. Triste, de morrer.



Numa noite surda abracei a solidão...

Abri a porta e entrei. A casa sozinha sentenciava um silêncio baixinho. Fechei a porta e dei um passo a dentro. Estanquei. O silêncio assustador parecia ecoar a solidão que havia dentro de mim. Não era eu quem sentia a solidão da casa, mas era eu quem havia levado a solidão até a casa. Parado. Não me arrisquei um movimento, tirar a chave do bolso, nada que fizesse barulho. Uma solidão que dava medo. Um silêncio sem cor, sem cheiro, sem ninguém. Eu não conseguia falar, nem mexer um músculo e mal pisacava. Congelado. Era como se algo me congelara. Se ao menos eu conseguisse gritar algo, fazer uma dança, cair no chão. Uma oração? Imóvel. Ali seria o meu fim, o meu grande e mais temível fim: na solidão.

Os carros lá fora? Nada. Madrugada escura. Ainda se fosse manhã esperaria e logo o sol e os passarinhos e a vida me encheria e as pessoas chegariam e alguém bateria palmas no portão e pederia: tem um real que eu preciso comprar um remédio para minha filha, e eu diria, claro, como não, não quer tomar um café, conversar? Vem senta na mesa, me conte essa história da filha, e se não for verdade, tudo bem, conta outra história verdadeira, não se acanhe, sei como a vida exige tudo de nós, você tem um cigarro? Obrigado, eu precisava de um cigarro porque hoje esta noite foi dose...

Mas não. Eu não conseguiria chegar até o amanhecer, faltavam ainda quatro horas e meu coração, certamente, ex-

plodiria antes. Ou seria o ar que acabaria, pois a escuridão parecia que ia aos poucos entrando em minhas narinas e descendo viscosa, densa, oleosa, narina, garganta, coração. Logo aquele sangue preto e denso se espalharia a bombadas pelo corpo, carregado, cheio, pesado, forçando o meu coração, forçando forte, empurra, empurra, força, empurra e tudo indo devagarzinho e meu coração parando, meu coração, que é tão vagabundo...

Agachei-me bem devagar, lento, escorrendo e abracei minhas pernas. Nana nenê, que a cuca vem pegá, lá lá lá queria que alguém me ajudasse, uma mão, um abraço. Meu amor? Não estava. Um amor antigo? acabado. Mãe? Tá dormindo. Os camaradas? Ocupados. É um dia comum. Nada acontecerá. Altos e baixos, hoje, aqueles dias de fundo, de se ver o prato e no reflexo a nossa cara lavada.

Eu tenho uma teoria, de que nós morremos do jeito que mais odiamos, sempre. Mesmo os que morrem dormindo, como passarinho, de certo, no fundo, temiam deixar a vida sem chamar a atenção. Os que morrem queimados, afogado, prensados na lataria do carro? Nem me fale. É certo que hoje morro de solidão.



Comecei a chorar, não pela solidão, mas pelo medo da morte. Ou as duas coisas. Um choro lento, silencioso, ninguém notaria... um choro de menino embaixo da coberta.

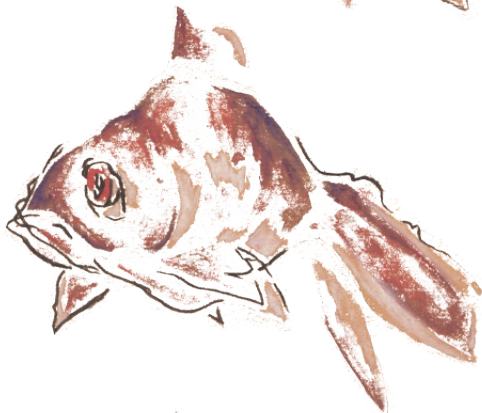
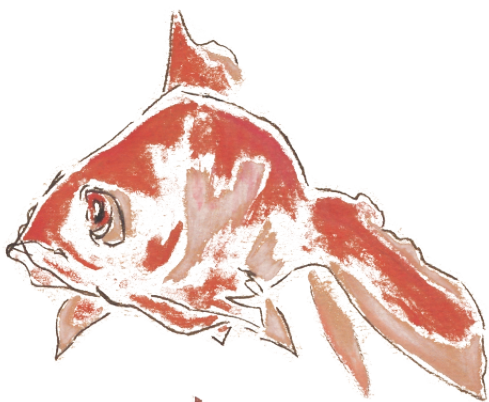
O rádio!?! Do outro lado da sala a porta e por ela eu via na mesinha, o rádio. Se eu conseguisse chegar até ele e colocasse uma música, então estaria a salvo. Mas não conseguia. Eu estava parado. Estático. Em choque. Em xeque. Cri cri cri, por que nem um grilo canta e só esse silêncio terrível? Tentava mover-me, mas os braços, as pernas, pesando cinco mil quilos, não vai. Cansado. Eu estava exausto, esgotado, suando, louco, querendo mexer-me, a mil por dentro e nem um dedo se movia e o meu peito começou a doer e por isso eu respirava mais e por isso a escuridão entrava em meu pulmão e aquele desespero me deixando desesperado e aquele suor escorrendo e aquele engasgamento e uma voz que começou a cantar baixinho... uma música de ninar e eu fui ficando lento e calmo, ao mesmo tempo que o ar ia se acabando, e o coração parando, e a escuridão ficando mais escura e a música ficando mais alta e suave e eu segurando tudo e perdendo a linha do raciocínio com todas aquelas coisas e eu sabia que não estava nada bem, mas estava ficando calmo, e as coisas passando, a música e o chão, a minha perna formigando, e as formigas fugindo do tamanduá, e eu lembrei de coisas, esqueci de coisas e fui deitando e deitando o ombro, a cabeça e todo no chão, sem ar, sem coração, eu dormi...

... ..

...

...

...os pássaros cantaram e eu me levantei, todo dolorido, devagar, o dia claro. Eu estava inteiro.. não faltava nenhum braço ou perna. Era uma manhã de segunda-feira linda.





A correspondência do mês...

Caro *****,

Bom, tenho muitas coisas a dizer e serei breve.

Não sinto mais nada por você, não voltarei para você nunca e sabe por que? Porque você não foi nem de longe a pessoa que mais gostei e que mais me importei na vida, entende isso?

O I*** foi o mais especial por ser o primeiro e o que mais amei até agora, o R*** de longe me fez muito mais feliz que você e o meu namorado de agora me faz sentir o que nunca senti por ninguém, ele é melhor do que todos em tudo, e você, bom, o que posso dizer, você não foi muita coisa não. Um capricho de uma menininha entediada e com vontade de coisas novas. Lógico que você foi importante e que me apaixonei. Me abriu um mundo novo e agradeço por isso, mas não darei mais importância do que você merece, e pra falar a verdade, você não merece muita importância não.

Eu gostava de você, posso dizer até que amava, mas VOCÊ e unicamente VOCÊ acabou com esse sentimento, você me feriu, humilhou até não poder mais, agora pare de ser bobo e de escrever um amor que nunca existiu e de me culpar por coisas que você causou. Cansei disso. Cansei de ler suas palavras medíocres sobre mim e sobre o que eu "fiz" pra você. Me deixe em paz (estou sendo clara??). Você nem escreve tão bem assim pra se dar ao luxo de escrever sobre

mim, por isso chega! Até ontem as 23:47 eu tinha algum respeito e consideração por você e mais uma vez a sua pessoa acabou com tudo isso, acabou como acabará com tudo que toca. Você não nasceu para ser feliz, por isso é que fica escrevendo esses textinhos bobos e chatos de ódio. Se ao invés disso sorrisse mais, e fosse menos rancoroso com as pessoas, quem sabe as coisas não fossem diferentes? Mas a verdade é que deixei de me importar. Marque bem esse dia 25/01/2009 às 23:47 foi que deixei de me importar com você. Foi quando qualquer sentimento de amizade, carinho, deixou de existir.

Te bloqueei no meu blog, não quero mais ler o seu, não quero mais saber nada da sua vida e se tiver um pouco de sorte nunca mais ouvirei seu nome ser pronunciado, vou torcer por isso.

Ah, faça-me um favor, arranque a página do seu livro, aquela em que dedica a mim e faça de conta que nunca me conheceu. Eu já joguei seu livro, suas cartas, fotos e todas suas lembranças fora. Bom, era isso que vc queria não? Que eu sumisse e te deixasse em paz. Conseguiu!

Não me transforme mais em sua "musa", não tenho interesse nisso. Me deixe em paz. eu sempre fui muito mais feliz sem você e agora sou mais feliz do que em qualquer época da minha vida. Fui bem clara? Não responda esse email pois não lerei. Me apague da sua vida e me esqueça! É um bem que faz a vc mesmo e a humanidade.

Me desculpe se estou sendo rude. Só estou querendo ser bem clara. Até nunca mais.

Atenciosamente

...as palavras... o que querem dizer as palavras? Onde está o sentido? Referência, sintaxe, semântica... onde está o sentido... no que eu acho, nos seus olhos, ou nas suas palavras? frutas amargas...

Leveza tensionada

Sabe, ultimamente tenho pensado em morte. Em como ela poderia ser uma possibilidade, dolorosa mas viável. Um partir não por medo ou vergonha, mas por cansaço, como se a missão que tivesse de ser cumprida, já houvera fosse. Kamikaze, que vai a guerra para ter uma grande força num ataque concentrado. Parece que já cumpri minha missão, e ela foi apenas sentir, sentir, sentir...

Tenho pensado muito em morte, e às vezes, a noite, sinto como se uma faca cortasse meus pulsos devagarinho, feito uma faquinha dessas de festas, de plástico transparente que mais fazem cosquinhas do que cortam a nossa pele.

Cosquinhas nos pulsos. Terrivelmente suaves.

Ando preocupado porque ando vendo defeito onde não tem, e não vendo bem o bom que existe. Ando preocupado por me preocupar com tudo isso e deve ser importante escrever essas linhas. Sinto que cada uma delas, me deixa três dias mais vivo.

Ou mais morto.

Maiakovski

Que o poeta tenha se matado, tudo bem, mas o que me incomoda, é o tiro no coração. Temos sido bons amigos ultimamente, embora converse com ele muito pouco, pela falta de tempo. Um grande amigo nos apresentou, disse: quando li lembrei do seu jeito de escrever.

É estranho que o poeta russo tenha aparecido em minha vida, bem agora, que tanto penso na morte. E é só falar de Maiakovski que já dizem: o poeta que se matou. Mas o suicídio, nem de longe, é algo importante em sua pessoa. O que importa ali é a vida. Também é só falar sobre o poeta e dizem: o poeta da revolução. Mas a revolução era tão importante quanto seu amor a Lilia Brik e a vida. E mesmo assim se matou com 37 anos, e não somente ele como Lilia Brik, que suicidou-se com 86 anos.

Mas por quê, eu me pergunto, um tiro no coração? A cabeça, tão mais fácil e certa, tão mais rápida BUM e fim.

Será que ele não queria se matar, mas matar apenas aquele malévolos coração? Queria matar uma coisa outra, que ali residia, comia, bebia e dormia, com carapaça e espetos, sempre a fincar nas nervuras e paredes do coração?

Eu leio o poema "A nuvem de calças" e penso: se este homem tão digno e belo se matou, também eu posso sair desta vida deixando para trás a sensação de missão cumprida... Somente abrir as portas escuras e dizer: estou indo, ok? Não se importem, ok? Porque na verdade, eu quero mesmo

ficar ali, naquele escuro sem fim. Entendem?

Mas uma outra pergunta me surge agora: e se Maiakovski não tivesse se matado? E se o poeta russo tivesse terminado seus últimos 30 anos na miséria, nas sarjetas? Não poderia ser a morte, a sua delicada e bela saída deste mundo? .. não poderia ter sido a morte, seu grande trampolim para a glória e eternidade?

Os ceifadores da morte

Tudo é como se fosse eu agora, no alto de uma alta colina, o sol amarelo, o céu azul, a grama verde e uma alegria morbidamente triste. São eles que vêm, os ceifadores da morte. Cavalo negro, espada na cinta trazendo o cheiro do sangue no sol secado.

Chegam e exigem o sangue sagrado da uva, fruto de tão árdua vindima. Dizem que o pão deveria de estar pronto, não importa se o trigo não doura. Eles querem satisfazer a fome de bandido aplacar a fúria que deseja partir meu crânio e arrancar meu coração. Eles querem a morte, porque eles são os que têm mais poder, e a lei do mais grande é comer o mais pequeno.

Quatro meses de trabalho para alimentar um gado de gafanhotos que não da carne e só avoa. Não culpo os bandidos. Fosse eu 3 e eles 1, não seria eu o que usurparia e beberia sangue?

Mais paciência, não me matem! Levai esta minha filha virgem, e a envergonheis para seu proveito: ela se chama Sonho e seu sobrenome é "1/5 de minha honra". Levem-na, assim como já levaram quase tudo, e quem sabe assim ainda ajunto, mais uma última porção do-que-lhes-dar e eu viva mais quatro meses na agonia da expectativa

.....no telhado tem uma orquestra de corvos azuis cantando fados terribilis. Minha casa, coitada, não tem viga, não tem cano firme, não tem onde se amarrar. quem

sabe na mangueira lá fundo, tão belo e triste, meu corpo balançando, junto com o marulho das árvores. as folhas rossando a minha cara, fazendo cosquinha numa cara que nunca ri. balançando balançando, eu tenho medo da dor, balançando, balançando, eu tenho muito medo da dor, balançando balançando, eu conheço uma pessoa que tem uma arma. mas se eu atirar em minha cabeça, essa pessoa se dará mal. (e eu tenho medo de errar).....

Levai essa filha, seu sobrenome é "1/5 da minha honra"... e retornem, eu sei que a minha vida vai, devagar e vai ser assim. Venham até o dia em que não houver mais nada que saquear, e então ceifadores, trespassai-me com vossas adagas e punhais, mas permitam-me apenas, o último desejo, de olhar-vos em vossas pupilas com tristeza e um pouco de amor.

Feliz aniversário

Corvos! Corvos! **Corvos!** Corvos!
Corvos! **Corvos!** Corvos! Corvos! Corvos! **Corvos!**
Corvos! *Saiam! Socorro! Corvos, socorro*
SocorroSocoooooooooooo
ooooooooooooorro! *Saiam! Saiam!*
Corvos! Corvos! **Corvos!** **Corvos!**
AAAAAAAAAAhooooooooooooooooooooo!
ahooooooooooooooooooooo!!!!
Meus olhos! *Saiam! Saiam!* **Meus olhos...**
meus olhos... *saiam, por favor... pelo amor de deus...me deixem em paz... por*
favor

...

Excamas ao mar

O vento vinha e balançava meus cabelos. O vinho vinha e balançava na língua. O tempo vinha feito onda e sobre mim batia e euscorria em pedacinhos. A vinha, a víndima, a idade da uva virar vinho:

o massacre com os pés,

também é uma dança.

O poeta, a consciência e a porta

O poeta sentado em sua escrivaninha de madeira velha em sua cadeira velha tecla no teclado em frente a tela radiosa. Eis que batem à porta, mão na cabeça, suspiro... suspiro... tensão. Ele ignora as batidas e volta, linha a linha, preenchendo os pixels luminoscentes do monitor. Mas as batidas não ignoram-se, retornam, batem, contínuas, batem, quase ritimadas, param e retornam. Abre a porta, poeta. Não abro! Mas quem bate é a vida. Não é, a vida está aqui nas minhas mãos. Você foge! Eu não fujo. Batem na porta, batem na porta, batem na porta. Poeta, é a vida, atende; não tem outro jeito, não tem outra forma, não tem versos livres, cara.... poeta, abre a porta!

[illegible]

{frio na espinha}

Será que estou em paz? Vai até a sala, se serve de um copo de vinho. As pancadas na porta voltam violentas.

Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!
Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!
Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!
Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!
Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!
Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!
Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!
Inferno! Eu não vou abrir a porta! e arremessa a garrafa no
chão que se espatifa em mil pedaços. Depois cai no chão,
rola, esfrega a cabeça, o cabelo, couro cabeludo com a pele
dura da mão. Depois respira, inspira. Ri... gargalha,
gargalhoadas, gargalhas. Batem na porta.

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Batem na porta

Abre a porta poeta, é a vida quem bate; é a vida quem espanca, depois te lambe com língua de vinho e caco de vidro. Não... quem bate na porta não é a vida. Ele se estica, se arrasta, a porta bate e ele vai em direção DA PORTA. Ele se deixa peixe, se rasteja réptil, cambeteia sobre quatro patas e caminha ereto até a maçaneta, alado, feito um anjo do degrau de cima: ele abre a porta [abre a porta e encontra] encontra o medo. O medo de uma criança que perdeu seus pais na multidão.



terceira parte

depois do fim



Da janela dava para ouvir os foliões, bem baixinho, por causa do vidro fechado. Enchi a xícara com o chá de laranja e selecionei na estante o empoeirado Asas do Desejo. Depositei o DVD na bandeja e antes de dar o play e encher o som daquela sala vazia e escura, escutei mais um pouco a vida fervilhando lá fora. Lá, lá, lá, lá... - cantarolei baixinho a canção de Melodia: "Carnaval, carnaval, carnaval / Fico tão triste quando chega o carnaval / Eu me lembro duas noites de alegria / E recordo que perdi minha Maria".

Ande em silêncio, naquela direção...

Dia de chuva. Joy Division canta “Ande em silêncio / sem olhar para trás, em silêncio”. É incrível como quando você chega na cidade, o ar muda. São Carlos, essa cidade de onde as pessoas se vão, mas sempre se voltam [contra?]. Todos reclamam do clima daqui que a toda hora mudou. Mas eu não, por simples costume, ou talvez porque a cidade tenha a mesma inconstância de humor que eu possuo. E quando você chega, o ar muda. Quando você vai, é sempre chuva por vários dias. São Carlos, minha cidade e comparsa, nunca me deixa sem chuva quando você caminha em silêncio, sem olhar pra trás. Não me poupa o cheiro da terra molhada e aquele frio, preparo uma sopa que me lembra você, porque toda sopa leva um pouco de essência de você; assistindo um filme pensando se você, quando assiste algum filme preto e branco, você lembra sempre de mim, naquelas cenas tão belas que precisamos contar pra alguém. Jamais saberei, mas meu coração é pessimista como a velha de cabelos brancos que morava na rua de casa e não nos deixava jogar futebol, furava as bolas que caíam em seu quintal com espinhos de roseira.

Eu queria tanto você, penso num momento. Olhando o vidro da janela molhada, esperando você me enviar aquele e-mail ou aquela mensagem rompendo nosso trato de me deixe em paz. Eu odeio tanto esse seu silêncio, e é ele que irá me salvar. Obrigado, por me salvar. É o vinagre amargo que

deram a Jesus na cruz quando ele pediu por água. O soldado é julgado erroneamente como maldoso, pois as pessoas não percebem que maldade é dar água a quem só adia a morte. Tomo meu vinagre azedo. Morte por morte, eu prefiro quem me corte num golpe só a cabeça. Você tinha razão, meu maior defeito e qualidade, é meu orgulho. Por favor, assim como você disse que me amará para sempre, me presenteie então com este regalo, de salvar minha dignidade. E se nos momentos cruéis da morte eu disser: água; não hesite em dizer vinagre. E se eu te disser água com vinagre; responda apenas vinagre. E se eu te disser água daqui alguns meses; repita: vinagre. E não desista, mesmo quando seus dedos quiserem tocar minha perna devagarinho e dizer não é preciso; ambos saberemos que é preciso. Como a árvore que cai sozinha, e como o elefante que anda lento até o cemitério dos seus pais, e tanta coisa que morre só pra renascer, eu acordarei num dia igual a todos os outros e terei sede e não saberei porque. Um dia de sol alegre, onde eu novamente poderei amar uma outra pessoa e a chuva não será mais triste, porque ela me lembrará um outro nome, ou apenas um outro fato, ou a alegria das plantas que recebem de beber.

E na salada, azeite, limão e sal, para sempre.

Um pouco de sinceridade sempre faz mal..

Eu gosto de você dum jeito mórbido.

Lembrando do passado, do jeito que você era, aquele jeito que já morreu e zumbivive na minha cabeça. Acho até que não gosto mais de você, gosto é de ficar gostando de alguém que a gente não tem. Eu tenho raiva. Você me dá raiva. Corpo apodrecendo no porão.

Eu gosto de você de um jeito egoísta, maligno. Imaginar você feliz sem mim me dá raiva. Imaginar você triste me deixa mais feliz. Queria que você soubesse sempre o quanto estou triste. Esse tipo de amor, é um desespero. Não sei quando foi, se num abril chuvoso, se num verão escaldante, qual o motivo final... mas sei que um dia, quase sem perceber, meu amor virou ódio. Liquidamente, virou ódio. Ódio porque não consigo deixar de gostar e de se reconhecer desgostado. É na verdade um ódio de mim, esse meu ódio por você. Ódio pela minha fraqueza e ineficiência em obter você, como um biscoito que se nega a criança, como alguém a quem se vê negado cabalmente um desejo imenso.

Eu sempre fui assim. Quando precisei superar meu passado, tornei-me maior. Quando quis encontrar Deus, encontrei. Quando quis ganhar um coração como alma dada, ganhei. Quando quis me graduar, consegui. Quando quis chamar a atenção, me olharam. Quis ser admirado pela minha inteligência, ninguém hoje duvida. Até quando entediado de tudo, quis ganhar dinheiro, ganhei. Mas você...

Mas você foi um capricho que a vida me negou. Não sei porque e nem entendo o porquê. Quando se faz tudo certo, e não se consegue o que quer, quer dizer que não se fez tudo certo? E eu sou assim, sabe: sempre gastando muito mais pensar naquilo que não deu certo. Me sinto triste como quem virou uma esquina e nunca mais achou o caminho de casa. Um tempo atrás eu ainda achava que quando tudo estivesse perdido, você viria e me salvaria (como você prometeu). E hoje, no meu pior momento, e talvez justamente por isso seja o pior momento, sei que você não me salvará. E sei que nem perde tempo pensando se deveria ter me salvado. Você nem pensa em mim, ou pior, pensa do jeito que não quero.

Isso tudo me cansa, me enoja. Gostar assim de alguém me enoja. Pegar-me em devaneios imaginando a gente ainda dando certo me dá ânsia de vômito. E outro dia eu quase vomitei mesmo. Depois corri pro quintal babando e nu, com a faca que peguei da cozinha. Não sei se pensei em me matar, mas o que eu queria mesmo era matar, ameaçar a lua e voar até ela com faca em riste, queria rascar sua cara linda com um bisturi afiado! Mentira, queria mesmo era só rascar sua cara com minha indiferença. Mas acho que não é o que está acontecendo aqui, não é mesmo?

Eu não sei lidar com a rejeição.

Não deixo um pingo de chuva passar sem pensar em você...

Sabe o que é ruim no verão? Essas chuvas intermitentes. Às vezes chove por aqui três vezes ao dia. Dias cinzas e tristes: definitivamente, 2009 vai ser uma merda! Ah, esse prazer eu não te dou, de saber que não deixo passar uma gota de chuva sem pensussurrar seu nome. Garoa, garoa, garota... sua falta respinga na minha pele de frigideira. Cebola e alho, refogo na panela o princípio de uma sopa de ervilha. Você sabe que sopa é a nona palavra que me lembra você. É uma droga isso: chuva combina com sopa que combina com saudade.

Hoje nem botei na tevê aquele seriado bacana. Prefiro o som da chuva lá fora. Sentado sobre o tatame que você conhece, comendo sobre a mesinha que você se lembra. Mas o gosto da sopa mudou... melhorei bastante na culinária: menos sal, pimenta do reino suave, cebolas em pedaços grandes e cebolinha e cheiro verde logo depois que desligar o fogo. Um pequeno ramo de alecrim.

Sobre a mesa, meu caderno de anotações... aberto... esferográfica azul ao lado... uma página escrita por você. Parece que definitivamente as coisas entre nós deram erradas, desencontros de nem-sei-o-quê. Já fazia tempinho que cumpríamos o trato sempre feito e sempre quebrado de nunca-mais-nos-falarmos. De repente você ligou porque precisava do seu rádio, então venha, mas sabe, acho que um rádio ve-

lho não valia nos vermos novamente, eu pagaria um rádio novo pra não te ver mais. Bom, venha, até saí de casa, tomei um café na esquina, fui até a livraria. Era só você entrar e pegar mas não, você quis encontrar algo e encontrou, encontrou meu caderno de anotações e viu todo meu veneno lá destilado.

Trinta linhas, com tanta fúria, acredito que você não tenha demorado mais do que cinco minutos para escrever. Trinta linhas de fogo queimando minhas retinas.

Bom, no fundo foi bom. Melhor assim. Saia magoada, enraivecida, decepcionada; antes assim que...

Imagine só, se você soubesse que não deixo um pingo de chuva passar sem pensar em você...

Não quero, não quero. Se temos tantos problemas com você acreditando que não foi tão importante para mim, o que seria se a realidade nua e crua deste meu desejo velho e profundo se revelasse como as mãos de deus se abrem em revelação na descrição escatológica do Apocalipse de João, imagina se meu amor caísse como papel picado sobre a sua cama numa manhã de sol, e você soubesse, como alguém que decifra num olhar o caminho de uma vida toda, imagina se você soubesse cada segundo que pensei e penso em você, como enquanto preparava e agora me sirvo dessa sopa quente. Ah, que dias negros haveriam sobre a face do abismo, se você soubesse o quanto eu almejo derme contra derme, a sua morna pele distribuindo carinhos... Ah, se você soubesse o quanto desejo que seu amor caia sobre mim como papel picado sobre minha cama numa manhã de sol, e que seus lábios sorridentes trouxessem as doces palavras em revelação como as mãos de deus sob o apocalíptico céu aver-

melhado do fim do pecado e dissesse: eu te amo.

Já não haveria mais honra, orgulho algum em mim se você oniscienstisse o quanto de cada passo meu em busca de uma nova pessoa, era na verdade, uma aventura quixotesca de seguindo em direção oposta a ti, rodar o mundo em 80 dias, e encontrar-lhe novamente. Imagina seu ego se soubesse que alguém que você tanto odeia, traçou seu desenho numa parede de quarto e agora, sua saudade é parâmetro tão grande de comparação com uma nova história, que eu não acho quem tenha tais pré-requisitos.

Prefiro seu ódio do que sua indiferença. É lógico que isso é doença e loucura. Mas não é isso que você disse sobre mim? Que eu era doente, que eu destruo tudo que eu toco? Menos eu, meu bem, menos eu... quem me destruiu foi você!, eu grito. Mas dorme assim, pense assim, tenha seus pesadelos com tubarão, achando que eu te odeio porque tua maldade me destruiu. A verdade? A verdade eu escrevo num papel e guardo: você me destruiu não pelos seus erros, mas pelos seus acertos. Por ter acertado no sorriso, na forma de se entregar, no seu excesso de carinho, no seu ciúmes maluco, na sua entrega doce, na sua risada boba, no seu gemido leve, no jeito como você me levava a sério, como você me aliviava, inspirava, respirava, e acertou até naquele seu jeito de andar nas pontas do pé, flutuando três centímetros acima do chão me irritando sobremaneira. Você acertou no bicho de estimação, no presente de aniversário e natal, no jeito como pronunciava meu nome e, com o tempo, até nos filmes e na música. Você acertou principalmente quando me deixou, e foi se amar mais.

Talvez esse tenha sido seu maior acerto.

São estes seus acertos que me destroem. Essa é a verdade que eu escrevo num papel e guardo, para que um

dia, todo e tanto tudo picado, jogada ao ar a verdade como festa caia, na sua cama numa manhã de sol. E aí você saberá porque eu fui o que sempre tentou esquecer que lembrava, e você, a que sempre se lembrou de esquecer.



O jogo irresolúvel...

Olha, tudo o que eu posso te dizer agora são coisas tristes. O que eu posso fazer? A vida é doce como essa trufa que eu como agora (seu doce preferido) como quem come a si mesmo, numa ânsia de completar-se. Deitado na cama, imaginando como seria estar deitado numa banheira cheia de gelo tomando heroína. Por que cortar os pulsos e ver o quente e desesperador sangue escorrendo, se eu posso me entupir com drogas de prazer? Veja, sabemos que não é pra tanto, e que assim que o gelo derrete e seca e escorre pelo ralo, o calor do ar nos enche de vida novamente. Mas enquanto o gelo queima nossa pele, não há como não tremer e blasfemar contra aquela maldita sensação do terrível. Você é a minha manta de gelo, eu rolando na cama, tentando me esquentar, a cama molhada, as pedras incômodas e lá fora: tempestade.

O que será que aconteceu, tanta coisa assim, para que eu lhe (re)criasse desta forma? Eu poderia ter a sobriedade e o bom gosto de falar bem de um amor que acabou e foi ótimo e péssimo. Eu poderia lhe chamar-te de meu bem, minha asa. Mas pensar em você assim ao meu lado e entre nós uma fronteira de arames bem onde havia um oásis secreto chamado aquela palavra que pessoa nenhuma que ler esse texto jamais entenderá, exceto eu e você com nossa chave enferrujada que não abre mais porta nenhuma. Pensar tudo isso me dói. E dói tanto que eu trocaria a banheira de gelo por

uma banheira cheia de morfina e um uísque com 3 pedras de gelo.

Porque é que eu lhe (re)crio assim? Eu não sei, uma história tão antiga, eu vejo um tabuleiro de xadrez com um jogo complicado onde parece que ninguém pode ganhar. Eu não sei mais como aquele cavalo chegou ameaçadoramente ali, como minha torre branca desmoronou ou como sua rainha negra acuada, se esconde atrás de peões e foge de minha fúriamor.

Como é que se resolve um jogo irresolvível? Eu não aceito empate, essa sua mão pálida e estendida de amizade, para mim, parece a mão cadavérica da morte. Eu não pego na tua mão. Está entendido? Eu não pego na sua mão, eu não pego na sua mão!

Como é que se resolve um jogo irresolvível? Não tem jeito você diz, me dê a mão você diz, mas eu, que não sou uma pessoa boa, nem justa, nem honesta e nunca quis ser, seguro levemente as bordas do tabuleiro e digo com voz suave e olhar dissimulado: Vamos virar o tabuleiro?

Em soturna companhia

Cheguei em casa acendi as luzes. Acordei-a, espantada, foi-se um pouco para lá. Minha gata esperava na janela: miau! Ligo o computador, um barulho chato (preciso trocar essa ventoinha), acendo a luz da cozinha, a gata corre na minha frente, coloco a ração, faço um cafuné, abro a geladeira.

Ela se achega, eu finjo que não me importo e ligo a TV. Enrolo um beck e vejo um professor de qualquer coisa falando sobre o pessimismo de Schopenhauer. Sem saco, mudo os canais, passo por um pastor evangélico que berra a ira de deus, por um acidente nas estradas e uma dupla de policiais da pesada. Desligo a TV e ela reina na escuridão. Volto ao quarto e vejo Avalovara sobre o criado-mudo. Sem saco para ler.

Abro a janela. Um vento frio lá no quintal. Dou um trago e assopro fumaça lá fora. A rua de minha casa é tão linda e triste. Ela vem se achegando por trás, passa sua mão direita em meu ombro direito, e com a esquerda alisa meu peito em busca do palpitar do coração. Ela me domina. Ela reina absoluta no silêncio, inspira a cabeça vazia, me traz no pensamento memórias resignificadas pela gordura da tristeza.

Ela me segue, me seduz. Mais uma vez nós dois, paradoxalmente. Abro um vinho: hoje é noite de abraçar a

solidão!

...

Rasgo uma foto, queimo a carne, seco o copo. Ela me devora, hora a hora.

...

Uma taça, duas taças. É bebendo que se esquece? Não esqueço nem nome, nem fatos, nem datas. O celular sobre a mesa dizendo: sou uma ponte. Meu tino dizendo: abismo não se junta.

...

Beber demais também é perigoso. Fazer uma ligação reveladora, mandar um e-mail bombástico, novamente, passar-se por ridículo. A ressaca, senhora plena da razão.

...

A solidão canta comigo músicas tristes. Duetto miserável. Lá fora, na janela, um dragão azul passa em vôo rasante.

...

Uma vez eu disse pra ela: o contrário do amor é o ódio. Ela disse que não, que era a indiferença. Hoje eu concordo, existe amor no ódio. Talvez muito mais do que no gostar. Ódio, o pseudo-empodeiramento. Quando eu já estou assim, bêbado, tenho vontade de ligar pra você tenho vontade de bater a cabeça na parede, tenho vontade de não ter

vontade, parar no meio do caminho. Chego na conclusão bêbada que é melhor pegar uma taça pra minha companheira solidão. Sirvo um drinque e sorvo um gole. Um brinde. Paradoxalmente, agora somos só nós dois. Duas taças. Encosto rapidamente a cabeça sobre meus braços cruzados na mesa e cochilo. A solidão ou o gato roça em minha perna.

Desprovido. Será que ela pensou em mim, por um segundo no dia de hoje? Ridículo. Daqui a pouco esqueço isso tudo, arrumo outra e ainda tiro disso tudo uma lição, um aprendizado.

Questão de tempo, mas o tempo... quanto tempo. Quantas noites, abraçando a solidão?



Links

...milhares de quilômetros podiam ser rompidos vencidos esfaçalhados pela simples leveza de uns toques e a velocidade de luz, dos bytes, da luminescência divina dos pixels. A tristeza nostálgica de uma noite trágica pelo simples motivo: saudade e auto-repugnância. Rastejo feito iguana por entre códigos htmls, banners coloridos, mídias e links procurando o vortex mágico que me conduza até seu perfil deletado. Mensageiros instantâneos e álbuns de fotos virtuais bloqueados, apagados como pegadas na areia que a gente apaga com borracha e delete. É, nunca mais seu nome saltará sobre meus documentos com o prefixo “ela diz...” iniciando aquele ritual sádico que a gente misturava amor, desejo e ódio. Ah, como eu espero a surpresa nunca vinda de receber em minha caixa de entrada o seu e-mail lamurioso de não consigo viver sem ti, estou voltando pra perto, posso? Pode, claro que pode, você está aqui, sempre perto. No ar, no virtual espaço da minha mente e mesmo as coisas guardadas em minhas gavetas, coisas que resisto e só aos poucos vou enviando à lixeira. Meu disco rígido está cheio de você, eu preciso de espaço, preciso formatar seu mais mero resquício. Eu preciso não poder ter uma migalha de você. Eu preciso não ter uma migalha de você. Mas é sempre aquela barra esperando seu endereço, seu orkut, seu flickr, seu blogue, seu qualquer-coisa que alimente este meu desejo amargo que é gostar de

você que foi embora. Foi embora mas não foi, está aqui a um clique de distância, logo ali, na primeira página de meus favoritos, ao alcance de meus dedos... eu digito seu nome + um substantivo.com e a sua imagem aparece, pixel a pixel sorrindo feito uma criança levada. Eu tento, eu tento... eu tento inevitavelmente me desconectar-----nos.

A velha garrafa de uísque

Fiquei um tempo refletindo sob o destino daquela velha garrafa Black Label que ela me deu de Natal. Hei, eu não quero presente de Natal heim... ela me deu um violino e uma garrafa de Black Label. Ela era a coisa mais fantástica do mundo, não pela qualidade e o valor monetário da coisa, mas por saber exatamente como me pegar no ponto mais crucial, na raiz da árvore dos prazeres que sobem aos céus. Era como se ela dissesse: vai em frente com seus sonhos, mas se algo der errado, eu estarei com você tomando um belo trago. Mas sabe como é né, eu nunca aprendi a tocar a desgraça do violino e ela nunca mais veio tomar um trago comigo nos tantos escorregões que eu levei. Então, porque guardar aquela velha garrafa empoeirada?

Ela mesma havia me dito que jogara fora tudo o que era meu, e disse que nunca iria assistir Paris Texas como eu pedira. Então porque guardar um símbolo que só me ligue a memória e não alcance a outra metade da ponte do entendimento? Por que ficar ao pé dessa meia ponte achando que ela do outro lado vê a mim? Sim, jogar fora. Lançar ao abismo que dá sentido a ponte.

Mas é estranho como mesmo depois de anos eu ainda ache tanta coisa dela ou que a lembre. Será que ela me deu tanta coisa assim? Não... sou eu quem vai se desfazendo muito devagar, deixando esse amor morrer lento e brando, tentando esticar essa saudade, cheio de medo de um dia não

senti-la mais. Então basta largar tudo, apagar tudo e ela desaparecerá?

Semana que vem, serão as fotos...



Desespero...

É engraçado como a navalha sobre a pele faz riscos brancos que a gente acaba, sem perceber, desenhando coisas: estrela, flor, sol, qualquer besteira que não lembra nada a carne aberta e o sangue brotando vermelho.

Era uma reunião, que não importa o quê nem por quê, mas havia na minha frente uma mulher com um vestido vinho terra. Eu sempre acho extraordinário uma mulher de vestido, e acho que aprendi a gostar disso em você. Os cabelos castanhos claros lisos caindo sobre as costas que deixavam aparecer claros tons claros das costas brancas, cheias de pequenas sardas, quase nada. O corpo magro e límpido sob aquele vestido vinho terra. Me lembrava na boca o gosto de um cabernet. O rosto era mais cansado e ela não possuía aquela sua beleza leve de criança leve. Mas não importava, era o suficiente para cada olhar, cada lembrança despertada, riscar a minha pele feito estilete afiado.

É preciso explicar para aqueles que não sabem dessas coisas, que um estilete verdadeiramente afiado, não dói quando corta. Primeiro traça-se um risco branco donde logo brotam pequeninas gotas ao longo da reta, e as pequenas bolhazinhas de sangue começam a inchar. É preciso ser muito rápido e atento para vislumbrar essas bolhas isoladas, pois logo se juntam formando um risco vermelho e, é nesse momento, que você sente uma forte ardência, como se o contato do sangue com o ar fosse fogo.

O vestido vermelho terra me lembrava as tardes quando você chegava em minha velha república, com seu ar de princesa encantada (mais encantada do que princesa) e vinha fazer minha vida rosa, quando ainda éramos amigos.

Eu queria beijar sua boca rosa e você não queria. Eu odeio você, foi a primeira coisa que me disse quando finalmente me beijou no chuva. E eu odeio vestidos vermelhos, odeio tempestade odeio qualquer coisa que me lembre você, porque você me lembra navalha e sangue.

Hoje é noite de navalha que começa em cima, no pescoço, leve, como uma pluma e desce desviando a direita, bi-partindo (a parte mais dolorida) meu mamilo frágil, ondulando nas costelas todas e riscando a barriga e fincando em algum lugar carnoso que eu imagino o fígado.

Eu vejo você dançando distante no seu vestido vermelho sangue num túnel de luz inalcançável. É quando sobe todo o torpor do uísque com três analgésicos amassados e diluídos você diz no meu ouvido bem baixinho: dorme! E eu durmo...



O limite...

Hoje tive um maldito pesadelo. Foi uma cena que só agora se repetiu, e só em sonho. Eu no chão, segurando suas mãos e chorando feito criança, as lágrimas escorrendo no rosto e pela primeira vez, senti desejo de usar a expressão dos livros "chorava copiosamente". Não sei se todos já tiveram essa sensação de chorar com tamanha dor, que num momento tudo se torna branco, e você esquece até os motivos, apenas chora, como um grito de dor, como uma perna amputada, como uma perda de outra encarnação. Puxa os cabelos, alisa o colchão, toca a superfície fria do chão, minutos, horas.

Nunca me esquecerei da sensação de alisar o lençol da cama, como se quisesse deixar aquele pedacinho arrumado, sem nenhum motivo.

Esse choro eu só descobri quando meu pai morreu e eu chorei muito, mas só quando eu olhei no caixão e vi a sua cara branca, e que ali não havia nenhuma vida, naquele corpo, naquele boneco branco. Foi nesse momento que eu descobri que havia o choro e o choro que está além do choro.

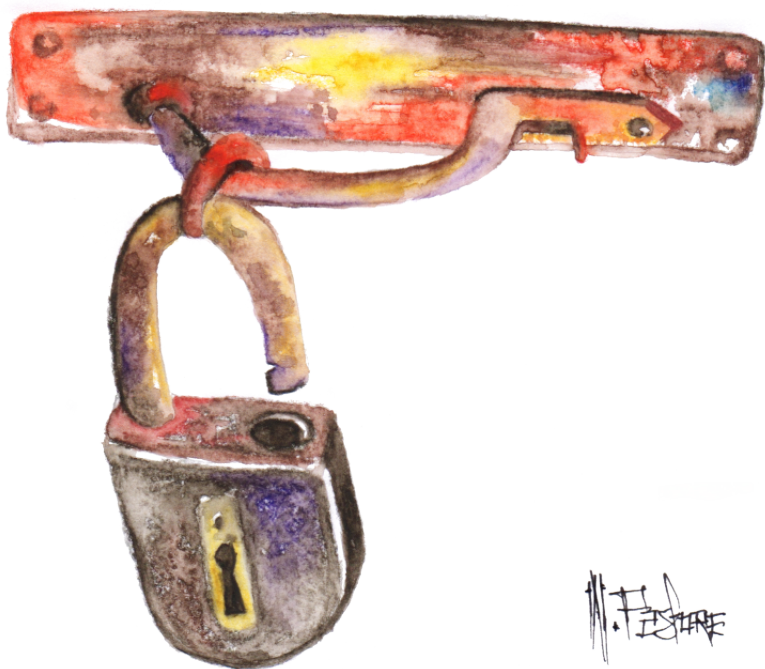
Chorar assim, acho que só três vezes na vida. Uma foi por você: por favor, não me deixe, por favor! E aquele ato desesperado faz eu me sentir sujo até hoje. Todo dia eu tomo banho, e não consigo tirar essa mancha do meu orgulho: por favor, não me deixei, por favor (soluços e o choro depois do choro). Eu jamais quero ter que contar isso, exceto para um

grande amigo. Essa lembrança, corta feito navalha.

E quanto mais eu te esqueço, e você vira fantasma, vem sempre de repente, uma batida de carro, uma visita inesperada, um e-mail confuso, um norte e um sul que novamente nos atraí. Mas pesadelo, é um golpe sujo e vil. É um desespero onde eu mesmo tento me convencer de que não devo esquecer o que eu quero esquecer e vou esquecer: meu patético amor por você.

Eu chorava copiosamente e pedia para você: por favor, não me deixe por favor, eu vou morrer! Foi quando abri os olhos e eles estavam secos.

Do lado de fora da casa, minha gata miava chorando sob a janela.



Esconderijo

Era uma dessas tardes cinzas. Eu louco de vontade de buscá-la, trazê-la para mim. Mas nem foi tão longe assim, outro estado, distância pequena perto daquela saudade. Mas ela soube, como um ratinho pequeno que se escapa e se enfia em qualquer buraco, passar por frestas e encontrar o abrigo perfeito, o único lugar do qual não posso buscá-la. E se alguém perguntar: me diz, onde foi que ela se escondeu assim? - eu confessaria fracassado:

--Na felicidade...

quarta parte

a passagem



Estou cansado,
com as mãos cansadas...
Cansado... como quem usa muitas reticências...
sim...
a vida assim: sem raiva, sem ódio, sem dor
só feliz...
me faz tão mal...



W. H. H. H.

A ida...

Hoje fechei a casa na qual vivi meus dois últimos anos. Estava tudo bem até, porque sabe, eu não gostava muito daquela casa mesmo. Sempre fui meio nômade, saí de casa cedo e fui indo pra onde a necessidade e a falta de dinheiro me empurrava. Sabe, casa vazias são tristes de dar dó, eu pensava imagina quem trabalha na imobiliária e tem sempre que ficar vendo casa vazia. Casa vazia sofre e sangra. Casas vazias são todas assombradas, não porque ali há algo de fantasmagórico, mas porque tem na gente algo que desperta ao ver determinada parede, determinado travesseiro, determinado muro, determinado nada. A casa ecoava e quando ia sair do meu quarto, porra, me bateu uma deprê fudida e eu fiquei meio bobo olhando o lugar onde estava minha cama.

Lógico que a primeira coisa que lembrei foi do sexo, das garotas, mas muitas outras coisas me vieram a mente. Sempre fiquei no quarto e todo mundo acabava em cima da cama pra conversar, ver filme, assistir um desenho, ouvir música ou comer uma pizza. Quantas conversas com amigos mareados, com garotas, carinhos e até mesmo lágrimas derramei sobre aquela cama.

Mas na verdade, não era a casa que eu deixava, a velha república cheia de gente, era uma vida que eu deixava: a mocidade. Não foi naquele dia, porque nada acontece de

imediatos, mas é sempre uma onda que cresce até o ponto máximo da consciência e depois, uma mudança também lenta, mas drástica. Na vida adulta era onde eu me adentrava cada vez mais. A casa nova não teria festas gigantescas, gente desconhecida passando a cada momento, a bagunça e tudo mais, todas aquelas coisas maravilhosas que começam a te encher o saco depois de certa idade.

Trabalhar, chegar em casa, tomar banho, deixar pra sair só no fim de semana e ler bastante. Tinha que trabalhar muito e estudar ainda mais pro mestrado porque não gosto de fazer nada superficialmente. Isso quer dizer que também já não dava mesmo pra ficar vivendo histórias calientes de amor e paixão. Essas coisas têm época pra acontecer, e agora, não acontecerão mais. Um namoro morno e problemático também não soa como uma solução agradável quando você é um cético do pessimismo. Deve fazer parte da idade também, achar que tudo é uma bosta.

Mas a vida é cheia de prazeres e agora é preciso saber encontrá-los, apreciá-los melhor, com um amigo, com uma amante passageira ou sozinho. Agora é preciso não sentir dor com o silêncio da casa nova, com a rotina do dia a dia, com uma noite solitária de jazz, uísque e adiantar o trabalho para amanhã cedo.

Agora eu preciso aprender a amar a solidão.

"E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão"

Mais desanimador do que errar qualquer erro absurdo, é repetir os erros antigos. Pior do que a escuridão, quando os olhos já estão acostumados, é a claridão de uma janela repentina que se abre.

As garrafas de vinho se acumulam já no assoalho e aquela terrível sensação de acordar com dor de cabeça e uma maldita queimação no estômago e, aquele terrível, gosto amargo na boca.

O retorno das coisas, é como o eterno retorno da noite e do dia. Da energia e do cansaço. Da tristeza e da alegria. Do amor e da decepção.

Se o amor é a efervescência da alma e a ebulição do espírito, a solidão é a paz e a água fria do copo e do chuveiro sobre a cabeça.

Eu não quero mais, e paro no meio do caminho para algum lugar e estendo uma rede entre árvores com uma estante de livros solitários. Eu não sigo mais nenhum caminho que me leve a um par de olhos. Veja, quem come, acaba com o que devora. Eu, não quero mais acabar com ninguém. Exceto a mim mesmo.

É preciso enfiar a barra da solidão entre as engrenagens do amor, e impedir o eterno e inevitável retorno da paixão, aquele demônio que um dia ou uma noite

se esgueira na tua mais solitária solidão e abre, de repente, a janela do seu quarto escuro e lhe permiti ver a claridão da luz.



Um final feliz até (para uma história de amor)

Não digo também que era um dia ensolarado e cheio de energia. Era um domingo, com um sol fraco, um quase-friozinho e uma preguiça lascada. O dia se arrastava feito lesma no edredom.

No céu muitas nuvens gordas se revolucionavam. Indicavam indiscriminadamente: chu-va. Chuva? O que era mesmo isso? Não era aquela coisa de cair coisas do céu? Pensei em procurar no dicionário... O que caía do céu? Era o maná, o pão de Deus? Eram os anjos que desciam em bungee jump para se refrescar nas águas da terra? Ou era o açúcar cristal que caía sobre os pães doces? Chuva era calda de chocolate ou essência da cânfora? Chuva de cidreira, chuva de pufs, chuva eram pedras, chuvas gotículas de chiva's?

E de repente eu não lembrava mais o que era chuva, e usando o mesmo significante, eu poderia gerar um novo significado para esta palavra engraçada. O que eu queria que caísse das tais nuvens do céu, direto para mim? Pensei pensei pensei, e quis que do céu caísse alívio, pequenas partezinhas de alívio gelado e refrescante, que me entrasse pelas roupas e levasse o calor da alma, eu pedi... eu pedi...: água!

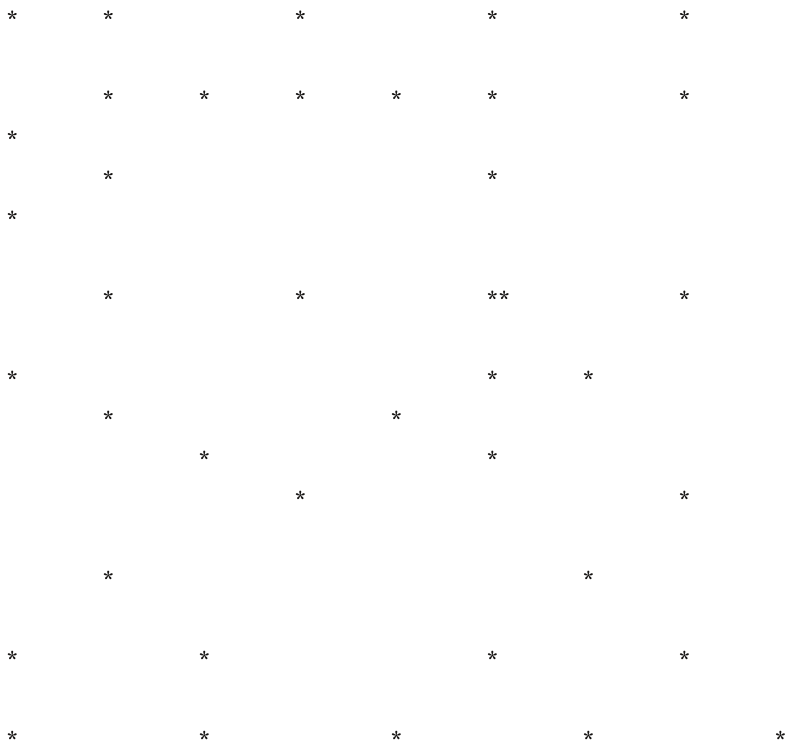
*

E de repente do céu caíram pequenas gotinhas d'água

que me molharam, me lavaram, me untaram, me engraxaram, e eu no chão, numa poça, renascido, expurgado, pós-partado, eu sorri, porque não eram nuvens negras, era um sol brilhante de calor, e na igreja da esquina, festejavam um casamento de espanhol.

....

Foi assim que eu não lembro que tudo acabou.



Bolinhos de chuva

A chuva caía lá fora. Perto do vidro, minha mão tocou a superfície fria e o ar quente embaciou a visão da rua lá fora. A rua fora.

Lembrei daquele dia em que saí na chuva como um louco a ti buscar do acidente de carro que você havia sofrido. Mas de repente a história parecia velha e mofada demais e tentei lembrar de outra coisa para não desperdiçar a tristeza e melancolia daquele dia chuvado.

Mas não sei porque, aquele dia a chuva não era sua: era minha. E sem querer, já estava lá me vendo em coisas tão mil e tantas, que as nuvens não pareciam cinzas, mas creme com papaia e cassis.

E lembrei que precisava lembrar de você, porque era dia de chuva e do que eu lembraria então? Mas os dias, a distância, e a terrível insignificância que você adquiria junto à opacidade da vida, como aquelas paredes pintadas a cal e que você só percebe tarde demais que sujou toda sua roupa. Quando um amor vai acabando, no lugar dele fica sempre uma poeira de tédio.

...

Mas eu precisava lembrar, precisava mesmo lembrar, mas lembrar do quê? Bem... sabia que era dia nublado, e que tinha vento e tinha chuva, e lembrei de repente dos bolinhos de chuva da minha vó, e me deu vontade de chá... súbito, como quem retorna a vida, lembrei-me da água que esquentava no fogo e que eu havia esquecido.



Prenúncios

de repente pareceu que era fácil tocar as janelas levantar os trincos e as tramelas, coçar, limpar as ramelas e abrir as folhas e deixar a luz da manhã

)))))))] ENTRAR [((((((((

para dentro da retina, da garganta, do nariz e do ouvido, limpando as frestas, eliminando germes e bactérias. Pareceu que bastava mesmo ir caminhando devagar, passo-após-passo, calculando e dormindo e acordando e sem deixar também de sonhar, sabe? Parece agora que era fácil e que eu não tava andando a caminho do precipício, mas sim o prenúncio e o desejo de chegar na ponta do penhasco, para ver o mar batendo lá embaixo, o vento e a brisa fresca que levou embora todo cheiro de podre e azedo e aquela sensação de chocolate e de cheiro de perfume que fica no travesseiro, no exato momento em que uma gaivota mergulhou no mar e saiu, com um peixe no bico*.

*atrás, no cenário, o sol brilhava muito bonito.

fim...

(re)começo

Sobre este livro-projeto

O que é um livro, afinal? Essa palavra tem para nós um sentido, por vezes, extremamente genérico: folhas de papel costuradas com uma capa. Outros muitos sentidos passam por aí. Muitas vezes o livro é apresentado como guardião do saber, bastião do conhecimento e via essencial à evolução humana.

O que é um livro para quem lê, o que é um livro para quem escreve? Prospecto de revolução ou projeto fadado ao fracasso? Arca de Noé.

Projeto social ou delírio intelectual? Não podemos nos esquecer que um livro é também suas páginas, sua costura, a hora humana que na frente daquele objeto se depara. O livro sempre será o livro, porque não é apenas um ideia, é uma cor, uma textura, uma materialidade.

Utilizar software livre, papel reciclado, moedas sociais, produção artesanal, processos de microtiragem em prol do artista para termos, enfim, um processo criativo livre, anárquico, visceral.

Atenção! A leitura literária ainda não foi compartilhada, não foi descentralizada. Vamos escrever e ilustrar para o mundo.

Custe o que custar.

Os amigos, sempre quererão estar próximos.

Não venceremos, vencemos.

Sobre os desenhos

Minha parceria com Washigton Pastore só não é mais antiga que nossa amizade. As aquarelas apresentadas neste livro foram feitas sobre o esboço dos textos que entreguei a Washington. Ele teve a liberdade de fazer sua própria versão (ou recepção) dos textos que escrevi.

Um trabalho que, além de muito belo e vibrante, realiza um diálogo evidente e interessante com os textos e poemas, fazendo com que o discurso do livro seja único e outro.

Se quiser conhecer mais sobre o trabalho de Washington Pastore, ele tem realizado diversas exposições em São Carlos e possui obras no acervo permanente do Janela Aberta.

Infelizmente, por receio às novas tecnologias ou pura preguiça, não possui site ou blogue, mas é possível encontrar mais informações em meu blogue pessoal e do Instituto.

Cristian Cobra - www.cristiancobra.wordpress.com
Janela Aberta - www.janelaaberta.art.br

Nota de Washington Pastore

"Para dentro da retina, da garganta, do nariz e do ouvido, limpando as frestas...". Assim ao "abrir as folhas das janelas e deixar a luz da manhã", entrar... assim simplesmente os textos de amor, não eram alheios, eram os meus não escritos, eram os meus sentidos, por amores assim como do autor, eram o meu amor, vazando em linhas (e não só por entre vãos), de maneira intensa e simples, como o iluminar inteiro da casa ao tocar as tramelas e trincos das janelas, as folhas não de papel, mas de madeira, as janelas já deixavam por vazar parte do segredo dessa luz que preenchia todos os cômodos sem pedir licença, como ora a dor ou a alegria contagiava cada vão e cada nesga sequer daquele habitar... Acho que é comum desses desgraçados achar por graça e gosto expor, não os sentimentos deles (nem tão egoistas, e sim vaidosos, por querem eterniza-los em lingua e letra), mas os nossos sentimentos outrora sentidos... Mas vejo graça e gosto de tradução em lingua o que não saberia descrever. Por gosto, agradeço...

Sobre os direitos autorais

Como eu poderia dizer que criei algo aqui? Com tanta influência de coisa que já li e ouvi, com tanta inspiração em fatos verídicos e conversas com amigos. Como eu poderia criar algo novo com um monte de palavras velhas, com estruturas velhas?

A discussão sobre o direito autorial está acontecendo. Você pode participar desse debate e contribuir para que os direitos do autor não impossibilitem o acesso a obra, que uma pessoa não seja presa por baixar um texto da internet e, principalmente, que poucas e grandes indústrias culturais fiquem ricas ao custo o empobrecimento dos artistas.

Consuma consciente, recicle, compartilhe, faça uma economia solidária.



Este trabalho foi licenciado com uma Licença Criativa 3.0 Brasil
Você pode utilizá-lo sem fins lucrativos e criar obras derivadas,
tendo apenas que citar o autor e usar essa mesma licença.

realização
Instituto Cultural Janela Aberta
Edições Universo Separado

Lembrar todo mundo lembra, com saudade, com carinho, com ódio ou com desprezo. Tudo depende e depende de tudo. Esses relatos são folhas de um diário enferrujado. Ninguém jamais entenderá tudo que se passou nestas páginas alaranjeadas, carcomilhadas... Não há verdades aqui. Somente lembranças. Poemas escritos em papéis de rascunho, guardanapos de papel, um recado, uma carta enviada que não devia ter sido enviada, chaveiros, alianças de doce, um desenho, um bilhete de amor, algumas fotos... e uma imensa série de gestos secretos. Mágicos. Simbólicos.

Uma história de amor é também uma história de ódio?

